

Quioto

O Japão
ainda é um
lugar de
imperadores

PEDRO MANUEL MONTEIRO

TEXTO E FOTOGRAFIA

Os acordes orientais do shamisen marcam o ritmo dos gestos da jovem aprendiz. Graciosos. Lentos. Indiferentes ao tempo. Uma imagem que, como a própria cidade, mudou muito pouco com o tempo





O nosso primeiro dia tinha de terminar em Gion. A varanda do templo de Kiyomizudera oferece a melhor vista sobre a cidade e as construções antigas do distrito de Higashiyama. Os nossos olhos começam por percorrer as ruelas empedradas de Sannenzaka e Ninenzaka, buscam os cinco andares da pagoda de Yasaka e, sucessivamente, os outros pontos no mapa. Gion é talvez a mais famosa comunidade de geisha de todo o Japão, mas nem por isso a única que merece uma visita. Miyagawacho, por exemplo, tem as mesmas ruas estreitas e as okiya. Nestas pequenas casas de dois pisos vivem as famosas geisha e as maiko, raparigas que logo aos 14 ou 16 anos começam uma aprendizagem longa e dura para se tornarem uma geisha. Cinco anos em que aperfeiçoam obsessivamente gestos, os rituais da cerimónia do chá, as danças tradicionais, a prática de instrumentos musicais como o shamisen ou o shakuhachi, jogos infantis como o pedra-papel-tesoura que ali se chama Jyan ken pon, mas também caligrafia, poesia e a elaborada dicção e sotaque de Quioto.

As geisha praticam artes inconfundivelmente japonesas e, por isso, são inconfundivelmente japonesas. Assim que o sol cai começamos finalmente a avistá-las. Saem dos okiya em grupinhos com passos curtos, mas rápidos, e entram nos táxis. Sorriem levemente, talvez envergonhadas. Dali seguem para as ochaya, as casas de chá, e os ryotei, restaurante luxuosos. A sua presença garante que os encontros sociais entre executivos e clientes são uma experiência descontraída e que, por isso mesmo, ajuda a cimentar relações ou fechar os detalhes de um negócio importante. Mas essas cerimónias, além de proibitiva-



mente caras, não passam de um sonho para ocidentais. Mesmo os japoneses necessitam de ser convidados, e devidamente apresentados por um cliente antigo do okiya.

Restam-nos, por isso, os festivais anuais ou os espetáculos que acontecem duas vezes por dia no Gion Corner, em Higashiyama-ku. Condensados numa hora, assistimos a uma cerimónia de chá e arranjos florais, depois as danças das maiko ao som dos instrumentos de cordas japoneses, música gagaku e a comédia física do teatro kyogen, e, no final, as marionetas de madeira de bunraku. Um espetáculo para turista ver. Mas também o Moulin Rouge o é, e não deixa de fazer parte de uma primeira viagem a Paris.

Não temos pressa de ver a m.a.s.s. culture feita de manga, anime, sashimi e sushi que domina Tóquio. Quioto possui mais de mil e setecentos templos, santuários e jardins. O Passeio dos Filósofos, no coração de Higashiyama, não é seguramente o mesmo com as cerejeiras em flor, no mês de abril, do que o que encontramos em finais de novembro. Mas é nesta altura que as folhas vermelhas e laranjas cobrem as momiji, as aceráceas, como acontece no pavilhão prateado, o templo Ginkaku. A nordeste, visitamos o ainda mais famoso Kinkaku-ji, o pavilhão dourado, construído em 1358, e cujo jardim é um dos melhores exemplos da escola de Muromachi.

O dia seguinte começa no templo Fushimi Inari e as suas avenidas de milhares de portões torii, feitos de madeira e pintados em vermelhos e laranjas carregados. O efeito visual é extraordinário.

Ao almoço, apertamo-nos os três num nomiya, um restaurante popular que, nes-



te caso, deve ter nove metros quadrados. Serve um prato e apenas um prato. Ramen. Um amigo japonês de Lisboa, o Taku, tinha sempre dito que o sushi era algo que os japoneses comem ocasionalmente e, por isso, tinha que provar os pratos do dia-a-dia, como o caril japonês e sobretudo o ramen. O tal caldo fumegante, espesso e saboroso, com massa. Quando o cozinheiro pega num maçarico para tostar o lombo de porco fatiado, que assim frita na sua própria gordura, percebo que vamos ter um excelente repasto e pagar menos de seis euros cada um.

Seguimos para o palácio imperial que, como o de Tóquio, conquista ao coração da cidade um enorme espaço verde. Durante os bombardeamentos da II Guerra Mundial, os habitantes da cidade ajudaram a desmontar alguns dos edifícios de madeira que, assim, escaparam ilesos. A estrutura que mais impressiona é o Kenreimon, um portão na parte sul da muralha, e que pode

ser usado apenas pelo imperador. Apesar da importância simbólica dos imperadores, os xogunatos detinham o poder no Japão feudal. Himeji e outros castelos do país mostravam o poder militar. Já o castelo Nijo, nas proximidades do palácio, foi construído para afirmar o poder político dos xogunatos de Tokugawa. Maravilharmo-nos com os imponentes portões em estilo chinês, e salões ornamentados com pinturas da escola de Kano. Ironicamente, é neste castelo que o último Tokugawa finalmente se rende ao imperador Meiji em 1867. Tóquio passa a ser a capital do Japão, que reabre portas e portos aos estrangeiros depois de dois séculos de isolamento comercial e cultural.

Como sabia bem, depois destas caminhadas, irmos àquele onsen que visitámos logo no primeiro dia. O nosso amigo fez-nos prometer que pouparíamos os locais mais emblemáticos até ele chegar. Nós, claro, sacrificámo-nos com os mimos das águas termais

COMO CHEGAR

O aconselhável é fazer pelo menos dez a doze dias no Japão. Cinco dias para Tóquio, dois a três por Quioto, e os restantes para, por exemplo, conhecer a história da cidade imperial de Nara, o castelo samurai de Himeji, a natureza e templos de Nikko, Kamakura ou Yokohama. O visto à chegada poupa-lhe algumas horas em Portugal - use-as para estudar a rota que mais o fascina. A maioria das companhias aéreas



européias tem ligações regulares para Tóquio mas também para o Kansai International Airport, por exemplo, a partir de Londres. O passe de comboio de sete dias da Japan Rail (www.japanrailpass.net) tem que ser comprado no estrangeiro, só com a viagem de ida e volta entre Osaka e Tóquio fica pago. Para viajar em todos os comboios locais, metros e autocarros da região, compre os passes de dois ou três dias da Surutto Kansai. No aeroporto internacional de Osaka apanhe um comboio para Quioto: em menos de 60 minutos, e sem efeitos especiais, recua 200 anos no tempo.

de um onsen em Kurama. Uma zona rural a uma hora de comboio de Quioto. Um sítio onde montanhas e florestas abraçam umas vinte casas. Pagamos cinco euros, se tanto. A água aquecida pelo calor da terra convidanos a afundar, sem roupas, na piscina ao ar livre, apesar da brisa levemente fria. Passados uns minutos, saímos da água para nos refrescar. Sempre sentados, como manda a etiqueta, deitamos água fria sobre as nossas próprias costas com um pequeno balde. Voltamos a imergir nas águas naturais. Repetimos o processo algumas vezes. Sem pressa. Os onsen pedem e oferecem tranquilidade. As palavras resumem-se ao fundamental. Os pensamentos ao inevitável. Ali, ainda antes dos templos de Kinkaku-ji e Fushimi Inari e das geisha de Gion, descobro algo. Os contrastes e comparações no Japão não são apenas entre nós e eles. Também Quioto é diferente do resto do país: uma cidade sem pressa de chegar ao presente.